

Entre a galeria e a rua: percursos possíveis da mediação cultural

Marcelo Eugenio Soares Pereira¹

Diante de perguntas como: “O que é o público? Quem o constitui?” teremos apenas respostas unilaterais, condicionadas a nossa própria instituição e ainda assim corremos o risco de incorrer em equívocos tendo em vista que nossos visitantes constituem uma grande massa que é geralmente heterogênea, assim como os interesses que moveram sua vinda ao museu são heterogêneos. Sem dúvida, *o público* será sempre uma grande abstração, sua natureza fragmentada nos escapa no momento mesmo em que tentamos apreendê-la. Dentre todas as equipes que constituem o espaço físico do museu, o núcleo educativo é o setor que está em estreito contato com o público (sua razão de ser), assim, compreendemos a Educação em Museus como uma das ações mais importantes de qualquer instituição que esteja engajada com a cultura e acredite em seu poder transformador.

É justamente a respeito do público que Anne Cauquelin principia seu *Arte Contemporânea: Uma Introdução*, nos diz a autora: “O público, confrontado com a dispersão dos locais de cultura, com a diversidade das “obras” apresentadas e seu número sempre crescente (...) parece desorientado diante da arte contemporânea: é o mínimo que se pode dizer” (p.9) Certamente a arte contemporânea é terreno fértil e desafiador para aqueles que se aventuram com a mediação cultural. Inúmeras vezes as obras de arte desconcertam o espectador: desalojado de seu confortável papel de visitante contemplativo, lhe é solicitado que participe ou

¹ Membro da equipe da Ação Educativa do Santander Cultural Porto Alegre

interaja com as obras de arte. E de que natureza se tratará o papel do mediador caso não seja a de propiciar ao visitante o contato com as obras de arte?

Bem além de informações a respeito do artista e de sua proposição artística, que são também relevantes, interessa que o mediador torne o visitante cômico de que a obra de arte lhe solicita o *tempo para experienciar*. Com Larrosa entendemos a experiência como *aquilo que nos passa*. Ora, como é possível ao visitante que algo lhe passe, que tenha um contato sensível com as obras de arte, se ele muitas vezes visita a exposição como quem observa vitrines de lojas em um *shopping*? As palavras do professor Larrosa encontram eco em todos aqueles que, mediadores ou não, são propositores do experienciar: “Por isso, a velocidade e o que ela acarreta, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência” (p.157)

Para o Banco Santander, a existência de um programa de exposições permanente só se justifica pela presença de uma Ação Educativa que possa atender às diferentes necessidades de seu público, seja aquele que se convencionou chamar de “espontâneo”, seja o público mais cativo e sobre o qual temos uma atuação mais destacada que é o público escolar. Sobretudo, cabe a Ação Educativa ser a proponente e facilitadora de experiências com a arte. Configura-se portanto não apenas como uma política que visa aproximar o grande público das manifestações artísticas de diferentes períodos, como também está comprometida com a sua educação e com a formação de novos públicos. Entretanto, não nos bastam apenas números uma vez que o sucesso de uma exposição não pode ser medido apenas pela quantidade de pessoas que a visitaram, mas seria mais adequado que fosse medido (caso uma medição fosse possível) pela qualidade da *experiência* dos visitantes no espaço expositivo. Sentiram-se acolhidos? Instigados? Maravilhados? Perplexos? Houve algum tipo de alteração, por menor

que seja, em sua maneira de perceber e sentir o mundo? Vale lembrar que os mediadores são o público primeiro de cada exposição e sem dúvida esses questionamentos precisam reverberar neles em primeiro lugar.

O Educativo do Santander Cultural busca estar sempre em sintonia com a maioria das atividades que dizem respeito ao cotidiano do Centro Cultural. Ao lado das atrações de cinema e música que sempre acompanham os eventos *O verão é aqui* e o *Domingo em família*, o Educativo contribui com ações voltadas ao fazer artístico e à reflexão. Eventos como esse buscam estimular a frequência de todos ao centro cultural.

A respeito dos funcionários dos museus, Archer comenta que eles se constituem como “operários de uma fé alheia”. Por acreditarmos que tal distanciamento pode ser amenizado, buscamos aproximar os diferentes setores que compõem o Santander Cultural (equipes de limpeza, segurança, manutenção e também os bancários), do universo da arte. Essa aproximação se dá através de visitas mediadas com cada um desses grupos e muitas vezes também por meio de conversas informais nas quais geralmente são trocadas impressões e idéias a respeito das obras. Não se trata aqui de uma estratégia de convencimento, nunca é demais enfatizar que a mediação não se trata de retórica, mas sim de contato mais direto, de rompimento de idéias pré-estabelecidas do que é arte e de quem é o artista e isso se aplica, em maior ou menor grau, a todos os visitantes.

Acreditamos que por trabalharem em um centro cultural, esses profissionais, de áreas tão díspares, necessitam não apenas estar informados a respeito dos eventos culturais em cartaz, mas, principalmente, precisam estar integrados ao seu local de trabalho uma vez que muito embora estejam próximos das obras de arte, que até mesmo passem grande parte de seu dia ao lado delas, é comum e

compreensível que se sintam apartados deste universo por não possuírem uma formação específica em Artes Visuais. Tal paradoxo pode e deve ser contornado. Não se trata aqui de transformar todas as equipes em iniciados em arte - vale ressaltar que cada setor possui suas especificidades- mas sim que possam estar um pouco mais sensibilizados para as questões oriundas do universo da arte, do qual eles são também parte fundamental.

Assim, o trabalho junto às equipes do Santander Cultural e de funcionários do Banco Santander reflete-se não apenas na maneira como estes se relacionam com o público e com as exposições de arte, mas também no lugar que o centro cultural passa a ocupar na dimensão privada de suas vidas, um exemplo disso é termos percebido, nas últimas exposições e eventos, grande número de funcionários que visitam o centro cultural acompanhados de seus familiares.

Uma das possibilidades da educação em museus é que ela possa também extrapolar os limites físicos e simbólicos do próprio museu. Nosso programa de formação continuada de professores acontece com esse propósito: que o professor sinta-se engajado antes de sua visita, por meio de encontros de formação nos quais são debatidas questões a respeito da exposição que será visitada, bem como são abordados possíveis desdobramentos em sala de aula através de material gráfico (catálogos e *folders*), além da possibilidade de uma assessoria permanente. Nossa intenção é que a vinda à exposição seja o meio, não o começo e nem o fim da exposição, mas parte importante do processo educativo dos alunos e dos professores.

Acervo a céu aberto

O prédio que abriga o Santander Cultural² oferece toda a infraestrutura necessária para a realização de visitas mediadas sem que eventuais problemas externos interfiram. Para isso, contamos com o apoio de diversas equipes que contribuem para que o trabalho de mediação esteja tão protegido quanto as obras expostas. Tal como um objeto de arte sensível, também a mediação por vezes está em uma redoma de vidro, isolada do burburinho da cidade.

Na esteira de outros projetos já desenvolvidos anteriormente, como *Novo olhar sobre Campo Bom*³ e *Descobrimo a Praça da Alfândega*⁴ nos quais a atuação da equipe educativa aconteceu em locais externos, o projeto *Acervo a céu aberto* foi criado com a intenção de expandir as ações desenvolvidas pela Ação Educativa do Santander Cultural. Aliou-se a esse histórico de projetos que tinham como lugar espaços extramuros, o fato de mantermos um ônibus que permanece sem uso durante as segundas-feiras, único dia em que o Santander Cultural mantém suas portas fechadas para o público. Assim, surgiu a idéia de realizarmos visitas a obras de arte que estão do lado de fora do centro cultural, em espaços públicos, entendidas aqui como componentes de um grande acervo. Tais obras, existentes em número significativo em Porto Alegre, são ainda pouco conhecidas do grande público e por isso um de nossos objetivos primeiros foi o de incentivar a reversão dessa condição paradoxal.

O recorte escolhido para principiar as atividades foi das obras legadas pela 5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Em 2005, o tema do referido evento foi

2 Construído entre 1927 e 1932 para ser a sede do Banco Nacional do Comércio, funciona como centro cultural desde 2001, com programações de artes visuais, cinema e música.

3 Projeto realizado em 2009 que teve como objetivo tornar um grupo de estudantes mediadores de sua própria cidade.

4 Projeto realizado a propósito das escavações na Praça da Alfândega, momento em que os estudantes travaram contato com objetos de um sítio arqueológico.

Histórias da Arte e do Espaço – construção e expressão nas experiências de espaço na arte contemporânea. No vetor denominado *Transformações do espaço público*, o curador, Paulo Sérgio Duarte, convidou os artistas Carmela Gross, José Resende, Waltércio Caldas e Mauro Fuke para realizarem obras de arte que seriam situadas ao longo da orla do Guaíba. Duarte propôs que os artistas não projetassem obras com o fim único da contemplação, mas sim que elas pudessem ser utilizadas pela população que costuma passar horas de entretenimento e descontração neste local (DUARTE *in* ALVES, 2006, p.14).

Havia um rio no meio do caminho

Delimitadas as obras que fariam parte de nossas visitas ao ar livre, escolhemos a Escola Municipal de Ensino Especial Fundamental Elyseu Paglioli, para que fosse nossa primeira parceira. Encontrei-me seis vezes com o grupo, constituído por cerca de vinte alunos e quatro professores, e juntos visitamos as obras *Olhos Atentos* (José Resende), *Cascata* (Carmela Gross), *Paisagem* (Mauro Fuke) e *Espelho Rápido* (Waltércio Caldas). As visitas foram acompanhadas por atividades práticas que visavam a reforçar conceitos presentes nas obras de arte, como também proporcionar experiências sensoriais diversas.

Muito embora a mediação possa (e deva) ser planejada e estruturada, sabemos que ela situa-se também no campo do imprevisto e da imprevisibilidade, entretanto, essa imprevisibilidade se faz ainda mais presente quando a mediação acontece fora de seu local tradicional. Já no primeiro encontro isso ficou bastante evidente quando, no caminho em direção à obra *Olhos Atentos*, os alunos se detiveram em uma estátua⁵, apontando a direção das próximas visitas, nas quais a mediação, elaborada para ser realizada a respeito das obras de arte, também se

5 De autoria de José Pereira Passos, a estátua representa a cantora Elis Regina.

expande e nas quais muitas vezes a experiência estética se dá não apenas no contato com a obra de arte, mas também no contato com a paisagem natural e urbana circundantes.

As obras de arte elencadas fazem parte de um espaço especial em Porto Alegre, a Orla do Guaíba, onde é possível observar de um lado o rio e de outro a cidade, tivemos assim três situações distintas - e ao mesmo tempo conectadas - de interesse durante a mediação: as obras de arte, a paisagem natural e a paisagem urbana. Muito embora a avenida ao lado, com seu tráfego intenso, despertasse em alguns momentos a atenção dos alunos, era quase sempre para o rio que lhes conduzia sua curiosidade. Em contraste com a agitação da avenida, era sobre a morosa movimentação do rio que muitas vezes conversávamos e tecíamos relações entre a arte e a vida. Tornou-se praticamente impossível que os grandes navios passassem despercebidos com sua presença monumental. Curioso observar que muito embora estivessem constantemente falantes e participativos, em momentos como esses imperava o silêncio e pareciam ainda mais absortos às imagens que se movimentavam com vagar.

A experiência estética está, habitualmente, atrelada a algo que se situa além do nosso dia-a-dia, parece pertencer à ordem do extraordinário. Também a experiência religiosa, na maioria das vezes, está conectada a um local e condições específicas para que possa ocorrer. Porém a experiência estética “acontece” sem necessariamente termos consciência disso, ela não pode ser “obrigatória”. Em contrapartida, a experiência religiosa pode ser imposta culturalmente. (GUMBRECHT, 2006, p.51)

O autor aponta três circunstâncias em que essas crises – que constituiriam espécies de experiências estéticas – podem ocorrer no âmbito cotidiano. A primeira seria a “interrupção dentro do fluxo da nossa vida cotidiana” (GUMBRECHT, 2006, p.51). Para exemplificar esta teoria, Gumbrecht descreve a maneira como os papéis higiênicos são dobrados em alguns hotéis e como a

percepção desse detalhe pode nos causar uma experiência estética justamente por ser algo incomum em nosso dia-a-dia. Gumbrecht descreve também o estranhamento causado ao olhar-se no espelho após ter se barbeado, com suas orelhas “surgindo” no meio de um rosto agora sem pelos. Para o autor, o que une essas duas experiências é o “caráter repentino e irresistível com que surgem” (GUMBRECHT, 2006, p.56). Sente-se, então, como um arrebatamento e aquele que é arrebatado nada pode fazer para desvencilhar-se desta impressão.

De acordo com Gumbrecht (2006, p.51), “a fusão entre experiência estética com o cotidiano neutraliza aquilo que há de mais particular na experiência estética”. Ou seja, embora a experiência estética possa se dar no cotidiano, seu acontecimento ultrapassa o ordinário, torna-se um momento diferenciado, excepcional porque interrompe o “fluxo da nossa experiência cotidiana”, sendo assim, Gumbrecht chama essas experiências de “pequenas crises”.

Quando acompanhamos um grupo durante uma visita mediada, podemos determinar que eles verão determinadas obras e que haverá uma discussão a respeito, em suma, podemos trilhar caminhos mais ou menos confortáveis para nós mesmos e para os outros. Isso está garantido, mas a possibilidade da experiência estética acontecer nunca estará assegurada. Partindo de tal princípio, o que dizer de uma experiência que acontece para além das paredes do museu? É nesse terreno movediço que a mediação na esfera pública acontece.

Referências

ALVES, José Francisco. *Transformações do Espaço Público, Histórias da Arte e do Espaço* - 5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2006.

ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: Uma História Concisa*, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises, Experiência Estética nos Mundos Cotidianos. *Comunicação e Experiência Estética*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.